

AJ 03489-1

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

今日日本人はこゝにいる

(IMA NIHONJIM WA KOKONI IRU)

Fugindo da poluição, atraídos pela usina ou investindo, já estão no Espírito Santo as diversas categorias de japoneses ou nisseis ou sanseis. E todos procurando se integrar — aderem à religião católica, torcem por futebol e querem ser vistos e aceitos como brasileiros ou mesmo capixabas. Só mantém uma tradição: o uso da comida japonesa, alternada com a brasileira. Por experiência e sofrimento, não têm preconceitos. Até mesmo casam com os brasileiros natos.

Texto de Amylton de Almeida
Fotos de Ailton Lopes
Colaboraram também nesta
reportagem: Sílvio Costa
repórter
Paulo Makoto (culinária)
e Fumi Kitajima
(tradução português-japonês)

ou
**OS JAPONESSES
JÁ ESTÃO
AQUI**



Ana e a filha Maria Alice, professora de Inglês: "Sou mais brasileira que você".



Pedro e Hanae Shibata, agricultores: um profundo agradecimento pelo uso da terra fértil.

— Mesma coisa é um caminhão cheio de japonês.

Esta expressão foi ouvida recentemente em Vitória e já reflete — embora tenha sido dita sem rancor — o reconhecimento popular do que pode ser considerado como a **suave invasão**. Com a promessa da implantação da grande siderúrgica, com a implantação de diversas indústrias em Carapina e com a instalação do Banco América do Sul (que possui maioria japonesa entre seus acionistas) em Vitória, começou a surgir nas ruas o povo japonês — a maioria nissei (filho de japonês), que foge da poluição de São Paulo, e que pretende instalar-se definitivamente aqui.

Fazendo compras, andando pelas praias, visitando restaurantes, indo para o trabalho (são técnicos, professores, comerciante ou então, lavradores) estão aí os homens de olhos puxados, da mesma cara, simpáticos ou fechados, sisudos ou discretos. Eles já são um número significativo, integrando-se em várias atividades da sociedade.

Mas como são vistos pelos capixabas? Uma empregada doméstica, que trabalha numa república em que existem 16 nisseis, afirma que são muito educados, amigos, brincalhões, preferindo comida brasileira. Um fotógrafo de origem italiana diz que todos são muito leais, também nos negócios. Os que trabalham em firmas de capital japonês (um código de ética do governo do Japão sugere aos empresários que confiem, respeitem e admitam elementos estrangeiros em suas indústrias, dando-lhes oportunidade de atingir altos postos) não os vêem como dominadores — pelo contrário, acreditam que eles fornecem a oportunidade de emprego. Outros admiram a sua capacidade técnica (este mesmo fotógrafo italiano afirma ter ouvido que no Japão enfrenta-se muitos problemas sociais, como greves, o que pode significar descontentamento. Existem meninos engraxates. "Mas se você pedir eles são capazes de consertar em cinco minutos um rádio"). Esta opinião reflete uma admiração pela capacidade técnica, e pela perseverança de um povo que praticamente ressurgiu das cinzas, após a segunda guerra, com o Japão tornando-se a terceira potência mundial poucos anos depois.

Durante a Guerra, após o ataque japonês a Pearl Harbour, o cinema americano — então a arte mais popular — passou a realizar filmes de guerra em que os japoneses eram apresentados como bárbaros, selvagens, assassinos, etc. As vezes, a propaganda era subliminar. Outras vezes, ostensiva.

— Naquela época, o pessoal fazia tudo para se brasileiro, para ficar do lado do brasileiro, para não ser alvo de chaticotas. Tinha-se vergonha de ser japonês.

não sou japonês. Hoje se me chamam de japonês eu não me importo. Hoje eu digo que sou japonês.

Hoje, segundo ele, desapareceu o preconceito até mesmo entre as três raças asiáticas que emigraram para o Brasil — japoneses, chineses e coreanos. Os dois primeiros "não se cheiram". Mas aqui, a mãe de Makoto é amiga de todos. Os próprios japoneses ajudam todos os que chegam. E a mãe de Makoto serve chá, na Assembléia Legislativa, para os visitantes japoneses. Esses, em 90% dos casos, preferem casar-se com nisseis, porque "sentem dificuldade de integrar-se totalmente à família brasileira".

— Minha geração, nascida em 1935, sofreu muito na carne. Na época em que frequentava o ginásio, até 1957. Por causa da produção em massa do cinema americano. Acusavam a gente de quinta-coluna. Era difícil se integrar na sociedade brasileira.

Mesmo com isso, os japoneses não desistiram. Projetavam outro tipo de cinema, nas escolas e nas colônias. Filmes que mostravam não só a cultura milenar, mas também o trabalho artístico de Akira Kurosawa, diretor e de Toshiro Mifune, ator. Os camponeses ao final do trabalho liam obras científicas, literárias ou meramente informativas de seu país. Recebiam conferencistas, professores de arte.

— O japonês não parou no tempo e no espaço.

Segundo Makoto, os japoneses na década de 50 tinham poucas informações sobre o Brasil e receios naturais — conforto, cultura diferente, receio do preconceito. Hoje já sabem tudo, já vêm preparados, sabem que há um bairro japonês em São Paulo ("um centro avançado"). Mas alguns setores se assustam — empresários de pesca, acostumados a trabalhar com equipamento sofisticado se assustam com a pesca artesanal feita ainda em Vitória. Ou mesmo com a falta de infra-estrutura da cidade, onde os dejetos são despejados no mar.

Hoje Makoto é uma espécie de cicrone das delegações de industriais que chegam — levando-os a conhecer os órgãos do governo diretamente ligados à indústria e à agricultura:

— Eles ficam admirados em saber como é que um país tão grande ainda não é desenvolvido.

Makoto diz que o brasileiro médio desconhece o fato da visita do presidente Geisel ao Japão, para solicitar aos japoneses investimentos para o País. "Eles me perguntam como pode, um país como o Japão, que foi derrotado?"

Esta coragem e disposição para o trabalho podem ser percebidas através do depoimento de Shiro Otuki, de 67 anos, pai de Paulo Makoto, que tem três irmãos — um deles, como ele próprio, casado com brasileira.

professor de Japonês durante todo o tempo em que permaneceu no Brasil. Recebe muito a visita de adolescentes brasileiros. Estes lhe ensinam as regras de nossa língua. Ele, por sua vez, ensina-lhes matemática e Inglês. Mas não pretende fazer faculdade no Brasil:

— Estou muito cansado, velho. Quero é aprender português para ser brasileiro.

Mas — quem são os japoneses que estão vindo para cá? Quais são os principais problemas que estão enfrentando aqui? Como estão se adaptando? Como estão sendo recebidos?

Os japoneses que vieram para ficar querem ser vistos como brasileiros, e, especificamente, capixabas. São sempre muito educados, gentis, discretos. Evitam opiniões políticas ou situações que incluam disputas (exceto o futebol). Adotam a religião católica, em sua maioria. Embora já tenham instituído duas aqui em Vitória — P. L. (Paz e Liberdade), com sede em Vila Velha, frequentada por brasileiros e a Igreja Messiânica, de Jucutuquara, igualmente aberta a todas as raças e a qualquer tipo de pessoa.

Indiretamente, eles foram os responsáveis pela especulação imobiliária no centro da cidade e nos bairros da zona norte. Os proprietários de imóveis preferem alugar apartamentos ou casas para os japoneses, em detrimento dos brasileiros. O que gerou um aumento no preço dos aluguéis, sem precedentes. Um apartamento que custava Cr\$ 2 mil passou a Cr\$ 4 mil em poucos meses. E o japonês paga.

Já abriram uma academia de judô (a palavra significa o caminho da vida. No Japão, os estudantes têm que optar por um tipo de esporte. O Kung Fu — que significa golpes contundentes, chutes e pontapés, é de origem chinesa. O karatê, que significa literalmente **mão vazia**, mas tem o sentido figurado "eu não tenho arma", é a adaptação japonesa para o kung fu). Já estão pensando em abrir uma associação ou um clube recreativo, não fechado, mas que possibilitará o intercâmbio social e cultural. São técnicos (no Japão, existe um tipo de ginásio que inclui o curso técnico. Lá, recebem salário de operário, o que difere quando se transferem para o Brasil), comerciantes, lavradores, professores, industriais, economistas, lavradores (em Guarapari, vendem frutas no mercado) e querem muito ser brasileiros — ou pelo menos aceitos como tal.

Final, têm experiência da guerra — com duas cidades, Hiroshima e Nagasaki praticamente destruídas. Aqui, sofreram perseguições, embora nada tivessem a ver, como emigrantes e estrangeiros, com o que se passava lá.



Pedro e Hanae Shibata, agricultores: um profundo agradecimento pelo uso da terra fértil.



Massa Sato, os netos Sayuky e a filha Clara, hoteleiros em Jacaraima: "o paraíso"

empresários que confiem e admitam elementos estrangeiros em suas indústrias, dando-lhes oportunidade de atingir altos postos) não os vêem como dominadores — pelo contrário, acreditam que eles fornecem a oportunidade de emprego. Outros admiram a sua capacidade técnica (este mesmo fotógrafo italiano afirma ter ouvido que no Japão enfrenta-se muitos problemas sociais, como greves, o que pode significar descontentamento. Existem meninos engraxates. "Mas se você pedir eles são capazes de consertar em cinco minutos um rádio"). Esta opinião reflete uma admiração pela capacidade técnica, e pela perseverança de um povo que praticamente ressurgiu das cinzas, após a segunda guerra, com o Japão tornando-se a terceira potência mundial poucos anos depois.

Durante a Guerra, após o ataque japonês a Pearl Harbour, o cinema americano — então a arte mais popular — passou a realizar filmes de guerra em que os japoneses eram apresentados como bárbaros, selvagens, assassinos, etc. As vezes, a propaganda era subliminar. Outras vezes, ostensiva.

— Naquela época, o pessoal fazia tudo para se abrigar, para ficar do lado do brasileiro, para não ser alvo de chacotas. Tinha-se vergonha de ser japonês.

Quem fala é Paulo Makoto, fotógrafo, que durante a guerra era adolescente em São Paulo. Os de sua idade "faziam tudo que japonês não fazia" — jogavam futebol, iam a clubes brasileiros, ignorando a Associação Nipo-Brasileira, pulavam carnaval, aprendiam português. A situação mudou na década de 50, com a chegada do rádio transistorizado ao Brasil, de fabricação japonesa:

— Ai descobriu-se que japonês não era bicho, como no cinema. De 50 para cá

Segundo Makoto, os japoneses na década de 50 tinham poucas informações sobre o Brasil e receios naturais — conforto, cultura diferente, receio do preconceito. Hoje já sabem tudo, já vêm, preparados, sabem que há um bairro japonês em São Paulo ("um centro avançado"). Mas alguns setores se assustam — empresários de pesca, acostumados a trabalhar com equipamento sofisticado se assustam com a pesca artesanal feita ainda em Vitória. Ou mesmo com a falta de infra-estrutura da cidade, onde os dejetos são despejados no mar.

Hoje Makoto é uma espécie de cicrone das delegações de industriais que chegam — levando-os a conhecer os órgãos do governo diretamente ligados à indústria e à agricultura:

— Eles ficam admirados em saber como é que um país tão grande ainda não é desenvolvido.

Makoto diz que o brasileiro médio desconhece o fato da visita do presidente Geisel ao Japão, para solicitar aos japoneses investimentos para o País. "Eles me perguntam como pode, um país como o Japão, que foi derrotado?"

Esta coragem e disposição para o trabalho podem ser percebidas através do depoimento de Shiro Otuki, de 67 anos, pai de Paulo Makoto, que tem três irmãos — um deles, como ele próprio, casado com brasileira.

Em Vitória desde 1975, ele se matriculou no Mobral do colégio São Vicente para aprender a ler e a escrever Português, o qual sente alguma dificuldade de aprender. Por um fato muito simples: ele quer se naturalizar, mas as leis brasileiras só permitem isso quando o emigrante é alfabetizado. Ele já fez o Mobral, os dois supletivos, pretende estudar português. Mas há um outro fato: é formado em Letras, no Japão, e exerceu a atividade de

preço dos alugueis, sem precedentes. Um apartamento que custava Cr\$ 2 mil passou a Cr\$ 4 mil em poucos meses. E o japonês paga.

Já abriram uma academia de judô (a palavra significa o caminho da vida. No Japão, os estudantes têm que optar por um tipo de esporte. O Kung Fu — que significa golpes contundentes, chutes e pontapés, é de origem chinesa. O karatê, que significa literalmente mão vazia, mas tem o sentido figurado "eu não tenho arma", é a adaptação japonesa para o kung fu). Já estão pensando em abrir uma associação ou um clube recreativo, não fechado, mas que possibilitará o intercâmbio social e cultural. São técnicos (no Japão, existe um tipo de ginásio que inclui o curso técnico. Lá, recebem salário de operário, o que difere quando se transferem para o Brasil), comerciantes, lavradores, professores, industriais, economistas, lavradores (em Guarapari, vendem frutas no mercado) e querem muito ser brasileiros — ou pelo menos aceitos como tal.

Afinal, têm experiência da guerra — com duas cidades, Hiroshima e Nagasaki praticamente destruídas. Aqui, sofreram perseguições, embora nada tivessem a ver, como emigrantes e estrangeiros, com o que se passava lá.

Daí talvez a discrição, a elegância na ausência de discussão de temas mais diretos, a ênfase na tentativa de serem vistos como brasileiros médios.

No entanto, mantém-se fiéis à comida tradicional japonesa. Em algumas casas, alternam a comida dos dois países.

Conheça-os.

Continua nas páginas 6 e 7.

CADERNO DOIS
DOMINGO
 A GAZETA — VITÓRIA (ES), DOMINGO, 30 DE OUTUBRO DE 1977

OS JAPONÊS JÁ ESTÃO

Três homens: sem dificuldades

Yasuoni Takahashi veio para o Brasil aos 8 anos, em 1951, junto com a família, que se radicou em São Paulo. Ele vende souvenirs — borboletas em bandejas, tatus empalhados, conchas enfeitadas, etc. — para os japoneses e coreanos que visitam o Espírito Santo ou trabalham no Tubarão:

— Japonês aqui é bem aceito. Não sei se é a influência do clima. Estou aqui há dez anos. Não tenho muitos problemas por ser japonês. Não tenho nada a reclamar.

Aqui em Vitória ele estudou na Escola Técnica e depois o científico Americano. É casado com uma brasileira, reside em Campo Grande. Informa que no Japão o consulado brasileiro fornece todos os dados sobre o Brasil aos japoneses que querem vir para cá. As firmas japonesas inclusive distribuem um folheto sobre o Tubarão e Vitória, que não é encontrado aqui:

— Tubarão é que é mais conhecido.

Por morar em Campo Grande, ele sofre os mesmos problemas dos outros capixabas: o transporte. Mas em São Paulo tem poluição, e o pessoal de lá tem que aguentar:

— Já estou acostumado e não ligo.

As pequenas experiências de preconceito que viveu não são mencionadas. Explica que os japoneses têm um modo de vida completamente diferente. Mas é preciso acostumar com o país onde se está vivendo:

— Isto a gente resolve. Se não resolver tudo agora não vai resolver depois de velho. Basta saber como levar a vida.

Yasuoni não tem muitas dificuldades neste sentido:

— Já vim pequeno. Sou mais brasileiro que japonês. Eu dou mais valor ao lugar onde estou do que do outro lado e terra. E amanhã sei que ainda estou aqui.

Em Vitória ele encontra dificuldades para o lazer — não tem muitas opções para seus dois filhos pequenos. Não gosta de filmes japoneses embora leia e fale corretamente a língua (recebe revistas). Gosta de filme "estrangeiro" de guerra.

O mesmo enfoque é fornecido por Takehiro Shima — tem 51 anos de Brasil, veio com a família quando tinha apenas um ano de idade. Cresceu e sempre viveu em São Paulo. Está em Vitória desde junho: foi indicado para organizar o supermercado Morita, recentemente comprado por uma firma da qual faz parte. A maioria dos funcionários administrativos em Vitória é de brasileiros. Ele passa a semana em Vitória, na sexta-feira viaja para São Paulo, onde se encontra sua família.

Gosta de todos os esportes, inclusive pescaria. No futebol torce pela seleção brasileira.

Ele preferiu casar com nisei porque, entre outras coisas, teria menos dificuldade em aprender o português. "Porque quem não sabe português não faz nada no Brasil". Seus filhos são brasileiros — não só porque nasceram aqui, mas porque têm sangue brasileiro. Ele acredita que a tendência (90%) é de integração, japoneses com nisei ou japoneses com brasileira mesmo. Sua clientela, no entanto, é constituída em sua maioria por brasileiros.

Como os outros, Shiro Iriê faz questão de ser visto como brasileiro e, mais como capixaba. Responde à humanidade do povo com muita gentileza.

Por mais cifrada que seja a conversa dos japoneses, o objetivo é um só: todos precisam de paz, é preciso saber conviver juntos.

Shiro Otuki, de 67 anos, formado em Letras no Japão, fez o Mobral em 1975 e agora faz o secundário só para aprender Português. Seus colegas de classe o visitam para ensinar-lhe a língua e em troca recebem noções de Inglês e matemática. Por um motivo simples: ele quer ser naturalizado brasileiro. E a lei exige que o emigrante seja alfabetizado.

Os adolescentes: gozação e rock

Como os adolescentes veriam o problema do preconceito? Os sanseis — netos de japoneses, com um dos pais brasileiro — adolescentes têm uma reação natural.

— Você encontrou algum problema aqui por ser de origem japonesa? Como você é tratado pelos capixabas?

Mário Issamu Filho, de 11 anos, da 5ª série do Colégio Salesiano:

— Não. Assim... muito não... quando eu era pequeno, eles gozavam a gente. Todo mundo me trata como se eu fosse um brasileiro. Quando a gente é grande, eles não gozam mais.

Milene Regina Beppu, da mesma idade:



Teruko, há quatro meses no Espírito Santo, residente na Serra: tudo muito tranquilo.

Vitória?

— Viver aqui é maravilhoso. Comparando com São Paulo, aqui é o paraíso.

Quando terminar sua missão — uma rede de supermercados — vai voltar definitivamente para São Paulo. Ele não conhece ninguém que pretenda se transferir definitivamente para cá. Acredita que a maioria apenas passa um período.

— O lugar é bom.

Nunca teve dificuldades de língua ou de assimilação:

— Vivo desde criança na sociedade brasileira.

— É muito educado:

— Acho bacana a receptividade capixaba. Eu sempre comparei com São Paulo. Lá o relacionamento é muito frio. As pessoas moram anos no mesmo lugar e não se conhecem o máximo que dizem é alô, boa tarde. Trabalham muito. Isso não ensina um relacionamento mais familiar, não dá chance por causa do trabalho. Aqui sobra tempo para conversar. O clima é favorável, os vizinhos são mais calorosos, mais humanos, o povo é mais comunicativo.

É claro que, como a maioria dos brasileiros, ele torce por futebol. Embora os japoneses evitem pronunciamentos sobre assuntos que envolvam polêmicas ou disputas, ele sorri, no entanto:

— Todo mundo tem seu clube de simpatia. Como bom paulista, eu sou corinthiano.

Shiro Irié é fotógrafo, com um ateliê no centro comercial da Praia do Suá. Está há três anos no Espírito Santo. Veio do Japão quando era criança, indo trabalhar num cafezal, onde permaneceu cinco anos, voltando ao Japão, para estudar fotografia.

Seus pais eram emigrantes, chegando junto com duzentas outras famílias, que rodaram os cafezais paulistas. Veio para o Espírito Santo para assistir ao casamento de um filho de emigrante, mais tarde formado em Odontologia:

— Conheci pela primeira vez Vitória. Gostei muito da praia, do povo. Decidir fechar o que tinha em São Paulo.

Dificuldades?

— É sempre difícil no começo. Mas meus maiores incentivadores são capixabas.

Também em sua atividade comercial: 99,9% dos clientes são capixabas. Raros são os patricios.

Ele estranhou no início o clima quente ("Você sabe, sou japonês. Lá faz muito frio").

Ele acredita que as indústrias e a usina serviram muito — a própria presença do banco América do Sul (com acionistas japoneses), "para nós terá muito futuro. Para ele, particularmente: tem dois filhos capixabas. Sem dificuldades.

— Dificuldade nenhuma. O importante é o ambiente, a vizinhança. Os capixabas me ajudam muito.

de, da mesma classe, do mesmo colégio:

— É porque eu saio na rua e eles falam: "Olha a japonesa". Ai eles ficam me tratando de uma maneira diferente... Começam a falar rir.

Roberto Ayumu Sato, de 13 anos, da mesma série e Colégio:

— Sempre fui tratado igual aos outros. As vezes me chamam de japonês, mas eu não dou bola.

Este é o único problema mais concreto que enfrentam. No resto, são como quaisquer outros adolescentes brasileiro de classe média.

Mário:

— Gosto de MPB, música americana, todos os tipos. Música japonesa não ligo muito. Cinema eu gosto de vários, principalmente de cinema de tiros. Não gosto muito de ler, só leio uns livros que a professora manda. O que eu gosto de fazer é jogar bola, ver televisão, gosto de ir à praia, de viajar, essas coisas.

Milene:

— Gosto de ouvir discos de rock e de música brasileira, mas eu gosto mais de rock. Cinema eu gosto destes filmes de amor, e leio revistas de quadrinhos. Já li **As Aventuras de Gulliver, O Caso da Borboleta Atilla**. Em Vitória, eu ando de bicicleta, vou à praia e piscina, só que eu gosto mais de piscina. Além disso, viajo muito, só nas férias, vejo televisão.

Roberto:

— Cinema e música, eu gosto de tudo. Agora, de ler eu prefiro livro de aventuras, outros recomendados pela professora. Eu já li **Um Capitão de Quinze Anos** e outros lá, quadrinhos, etc. O que eu faço mais é ver tv, brincar, não saio muito de casa e também não viajo muito, já que aqui em Vitória já tem praia, né?

Mário, filho de Mário Issamu Shibata e de Aldenira Castelo Ribeiro Shibata (brasileira), não tem dificuldade alguma de língua: "nasci aqui". Meline, nascida em São Paulo, é filha de Mário Makoto Beppu e de Alice Karye Honda Beppu. Roberto, nascido em São Paulo é filho de Sato e Shigomi Sato. O pai é professor da Kawasaki Steel, dá aula para os filhos de japoneses no Espírito Santo. Inclusive da própria língua japonesa.

O que eles pretendem ser quando crescer? O que esperam do Espírito Santo?

Mário:

— Espero que o Espírito Santo seja um estado desenvolvido, com grandes indústrias. Eu vou ser engenheiro eletrônico e vou me formar aqui em Vitória, acho que a faculdade deve ser boa, tenho vontade de ir ao Japão, mas pretendo continuar aqui. O que eu queria era levar meus avós porque eles saíram de lá, quando tinha 12 e 15 anos e por causa da guerra nunca mais voltaram lá.

Milene:

— Espero que o Espírito Santo se desenvolva, cada vez mais, na indústria e

no comércio. Acho que vou continuar aqui, nunca quero conhecer o Japão porque eu nem sei falar japonês... sei lá... fica chato. Bom, quando crescer, eu quero ser médica pediatra porque eu gosto muito de crianças e de medicina. Depois de formada, talvez viaje ou talvez fique aqui. O Japão é assim... deve ser chato... também nunca fui lá e não posso dizer nada... O Brasil é mais desenvolvido que o Japão. Eu acho que o Brasil é legal e muito importante, também gosto do colégio, estou gostando de morar aqui.

Roberto:

— Acho que o Espírito Santo vai progredir, espero isso. O Espírito Santo é um estado mais ou menos pequeno, o Brasil é menos desenvolvido que o Japão... O Japão tem mais técnicas, etc. O Espírito Santo, comparando com São Paulo, o Espírito Santo é um estado pequeno. Mas gosto do Brasil, apesar de conhecer ele pouco e tenho vontade de conhecer o Japão. Não sei o que vou fazer... talvez, eu seja piloto ou engenheiro artístico (?), e talvez eu continue aqui no Espírito Santo.

O engenheiro Haga enfrentou muitas dificuldades durante a guerra. Sua casa foi inclusive ocupada por brasileiros, que diziam: "Japoneses não tem direito de ter casa". Mas a família já esqueceu isto. Ana Haga, a comadre de todos os que chegam, adotou a filha de sua empregada, que hoje é professora de Inglês e não seguiu o conselho do marido, para que após sua morte vendesse as duas casas e retornasse ao Japão. Mas restam poucos parentes em Hiroshima, a cidade destruída na Segunda Guerra. É Ana jamais deixaria sua filha sozinha. Por isso não val embora.

Ana, a mãe de todos, a comadre dos que ficam

Ana Haga é considerada pelos japoneses ou nisseis radicados no Espírito como "a mãe" — na verdade, ela é comadre da maioria deles, e assim em sequência com os filhos e mesmo os netos. O respeito e o uso de uma norma estritamente brasileira — compadres. Segundo o ritual católico — não se devem apenas pelo fato de ela ser a mais antiga japonesa residente no Espírito Santo, mas também por sua dignidade e humanidade.

Ela está aqui há 48 anos. Tem 76 anos. Chegou com o marido engenheiro, que realizou serviços de medição na baía de Vitória, ajudou na construção da ponte Florentino Avidos e na abertura de estradas, construção de pontes de acesso (como em Jacaraípe) e de outros trabalhos no Vale do Canaã. Ele veio do Rio para Vitória apenas para uma empreitada. Porém, como o governo gostou do serviço, pediu-lhe para permanecer — e aqui ficou inclusive na confecção do mapa oficial daquela época, diz Haga, a travessia em Vitória era feita de bote. Ela se encontrava no Rio quando o marido foi buscá-la. Vitória era tida como interior, mesmo. Seus amigos advertiram-na para que não visse. Poderia, entre outras coisas, adquirir a febre beri-beri. Mas Ana veio e aqui permanecerá até à morte — ajudando os que chegam, dando-lhes informações, apresentando-os aos outros, traçando normas:

— A primeira coisa que eu digo é: não quero que envergonhe nossa raça aqui.

E explica:

— Terra de outros. Tem que respeitar as leis do Brasil, completamente diferentes.

Quando mudou-se para Vitória, ela foi residir numa pensão, no último ponto do bonde na praia do Canto. Quando morreu, o marido deixou-lhe duas casas, com a recomendação de que as vendesse e voltasse para sua terra — no interior de Hiroshima:

— Não sabe Usiminas? Veio aquele japonês intérprete. Ficou na minha casa. Fugimoto. Ele disse que se quisesse dava passagem de graça. Meu marido não queria ir. De noite ele trabalhava, fazia plantas até meia-noite. Hoje ele morreu,

está enterrado em Santo Antonio e eu vou pro mesmo lugar.

Ana Haga é uma pessoa dócil e, como todas as donas-de-casa de sua idade, tem o costume, quando conversa com os visitantes, de expressar as coisas com um ar de aceitação sorridente, ao mesmo tempo experiente, enquanto as mãos ajustam um pedaço da toalha da mesa. Hoje ela não procura mais seus patricios que chegam:

— Eu já tô velha, tô cansada. Se me procurarem eu recebo.

Mesmo assim tem inúmeros amigos, afilhados, filhos de afilhados — a viúva Haga é muito respeitada. Embora não tenha mais condições físicas de procurar, ela está informada dos problemas. A grande dificuldade de quem chega é falar. Há pouco chegou uma família de emigrantes coreanos. De acordo com as leis brasileiras de emigração, eles têm que permanecer dois anos na lavoura. Os coreanos recém chegados não são lavradores, são comerciantes:

— Está arrependido.

Ela, não:

— Adoro. Aqui é minha terra. Pessoal gosta tudo de mim. Gosto mais de brasileiro. Brasileiros são mais simples.

No entanto, ela se queixa do "orgulho" dos japoneses que chegam e não a procuram mais — dos que estão alugando ou comprando casas na Praia do Canto:

— Metade é orgulhosa. O pessoal da Kawasaki é boa companhia. Não têm orgulho. Metade parece que tem rei na barriga. É sim.

Algumas coisas dona Ana ainda não esqueceu. Embora tenha dificuldades em se expressar corretamente, ela suplanta tudo isto pela delicadeza do tom de voz, pela maneira franca e gentil de encarar o interlocutor, de expressar no rosto mais do que as difíceis palavras da língua e do país que adotou podem permitir. Sobre o período da guerra, por exemplo, ela ergue o tronco e diz com o indicador da mão direita em riste:

— Esta é uma história muito comprida.

Seu marido foi chamado para trabalhar em Paineiras, onde aconteceu uma inundação no canal de propriedade do governo. Não dava mais açúcar, ela relata. O marido fez com que a água, canalizada, fosse transferida para um rio, em meio inclusive a repentinos jacarés (em agradecimento, até a época de sua morte, a usina de açúcar costumava enviar um saco do produto para a família, regularmente).

Mas aí a guerra já estava no auge. Começou, então, a propaganda anti-nipônica e anti-nazista. No meio disto tudo, os emigrantes inocentes. O engenheiro não foi muito incomodado, possivelmente por causa do seu visível trabalho em toda parte. Mesmo assim inves-

tigaram sua casa, à procura, como diz Haga, de algum rádio secreto (a propaganda dizia que os japoneses eram espíes, pervertidos, bárbaros, etc). Levaram um rádio, posteriormente devolvido. O tom de Ana se modifica um pouco ao contar a história de um mecânico alemão ("a polícia dava muito em cima dele"). Ela diz com muita simplicidade, porque naturalmente não há outro modo de se relatar isto:

— Ele vinha toda noite ver o movimento, escutar no rádio as notícias do que acontecia lá, coitado.

Não existe perplexidade em sua voz. Que é inclusive tímida ao relatar sua própria experiência. Por causa do serviço do marido, o casal morava num hotel. Depois ele foi ao Rio a serviço. Sua casa, nesse meio tempo, foi ocupada por uma família de brasileiros. Quando terminou a guerra, ela voltou. E ouviu a resposta: Japonês não tem direito de ter casa.

Que a esta altura já se encontrava irreconhecível. Ela escreveu ao marido: "Você precisa vir". O marido tomou as providências legais. O delegado deu o prazo de uma semana para que a família se retrasse. Fim do qual colocaria a mudança no interior da delegacia na rua Graciano Neves. Os ocupantes haviam danificado inclusive o automóvel, abandonado à porta da casa. No fim da guerra, recebeu uma carta do pai, fazendeiro no interior de Hiroshima. Este contou que na data da explosão da bomba atômica, "de manhã chegou na varanda só tinha cinza":

— Eu me senti triste. Muito triste. Criança que saiu pra escola não voltou. Outros ficaram aleijados.

O silêncio se estabelece — seu rosto espera uma resposta concreta. Mas, como todos os membros da raça japonesa, ela é ainda muito persistente. E então sorri, sempre muito gentil.

Para falar de religião. Explica que, ao adotar os costumes brasileiros, os emigrantes geralmente optam pela religião católica. Isto em sua época. Hoje, não, existem outras: espiritismo, protestantismo. Inclusive a chamaram para aderir, mas ela se recusa a modificar sua fé:

— Deus não é troca de mercadoria. Deus é um só.

Neste instante chega a razão mais forte de dona Ana para não ter um dia voltado ao Japão, onde existe apenas alguns parentes esparsos. A porta se abre e entra Maria Alice, professora de Inglês, coordenadora de Ibeu na praia do Canto. Dona Ana relata sua história: nunca teve filhos, a mãe de Maria Alice trabalhou em sua casa por 12 anos, quando chegou estava grávida. O casal resolveu adotar a menina. Não registrou porque a mãe não quis. Mas Maria Alice ficou sendo a filha

deles. E entre as duas existe muita afeição. O possível contraste físico entre as duas é suplantado por este amor, refletido na maneira como se comunicam, mesmo em presença de estranhos. Num álbum de retratos, toda a vida da família — inclusive um recorte de um jornal japonês, editado em São Paulo, em que aparecem numa foto, o engenheiro e sua filha Maria Alice, com a legenda: "Haga, um japonês diferente".

Quando dona Ana chegou em Vitória só havia um asiático: um chinês e sua lavanderia. Talvez por causa disso todos chamavam o casal de chinês. E Ana retrucava: "Chinês, não, japonês". Hoje ela pode dizer, sorrindo, quando na rua lhe chamarem de japonesa:

— Eu sou mais brasileira que você. Eu vi sua mãe nascer, eu vi você nascer, estou aqui há mais tempo que você. Eu sou Ana, brasileira.

Sim.

Quando os japoneses chegam ao Espírito Santo visitam Ana Haga, neta, a mais antiga no Estado, que logo avisa: "Não quero que envergonhe nossa raça aqui".

Três mulheres: tranquilidade

Hikedo Nagatani Feitosa, de 26 anos, é casada com um capixaba. Tem um filho de um ano, Josep — os olhos com predominância da raça da mãe. Os dois são proprietários de uma loja que vende produtos da comida japonesa no Centro Comercial Quatro Irmãos, na Praia do Suá. Uma loja, naturalmente, muito procurada por seus patrícios, mas, também, pelos brasileiros que fazem macrobiótica, porque há alguns condimentos básicos usados nestes estilo de comida.

Hikedo nasceu no Paraná, de pais japoneses mas fala, lê e escreve nos dois idiomas. Formou-se na Universidade de Viçosa, Minas Gerais, em Ciências Domésticas. Seu marido fazia agrônoma no mesmo local. Quando ela era criança sofreu dificuldades pessoais com as duas línguas:

— Quando era criança, em colégio de freiras, eu sofri para aprender o português. O japonês era língua de berço, mas eu me atrapalhava com redação, cartazes, essas coisas, dissertação. Eu tinha dificuldade em me expressar.

Ela tem alguns parentes na Bahia, um irmão que, por questão de temperamento, se adaptou à colônia. Ela preferiu ficar aqui porque os japoneses da Bahia são muito "fofoqueiros". Neste sentido:

— Por outro lado, isto é uma disciplina.

No caso de um dos membros fazer "uma arte", uma criança sair das normas estabelecidas, qualquer um tem o direito de reclamar com os pais, com os outros, etc. Hikedo explica em qualquer meio de colonos — italianos, alemães, japoneses — acontece isto, esta espécie de controle. Mas ela preferiu ficar aqui:

— Os capixabas, talvez por causa do litoral, são mais expansivos. Menos expansivos que os cariocas. Mas é um povo bem mais humano, diferente do paulista.

Neste momento chega um freguês, japonês:

— Tem show?

Ela mesma cuida, com um sobrinho, do filho, com quem conversa em português, enquanto atende o patricio, na mesma língua. Ele pede, além do show um doce feito de feijão e outro doce feito de arroz — uma delícia, segundo explica o freguês. Outras comidas: namagashia e an-moti, óleos.

Hikedo está aqui há dois anos. Acostumada com São Paulo e Paraná tem uma dificuldade natural:

— Vitória é uma cidade restrita em termos de comércio. É muito limitado. Se eu procuro uma coisa diferente, não acho.

Ela diz que o número de emigrantes é pequeno — alguns se aventuram, ficam quatro, cinco anos, tentando. Se não der certo, retornam a São Paulo ou ao Paraná. A maioria chega, faz um trabalho no Tubarão ou nas indústrias e retornam ao Japão:

— Alguns dizem que vão voltar.

Mas seu contato se limita à loja, não se preocupa muito em estender o conhecimento. Quando isto ocorre, geralmente é com capixabas.

Teruko está há menos tempo no Espírito Santo. Reside no município da Serra, com seu marido, técnico em eletrônica no Porto de Tubarão. Tem uma filha, Teresinha, de dois anos e espera outro para daqui a um mês. Veio com o marido do Japão, como emigrante:

— Uns vêm, outros vão embora.

Têm planos de abrir um armazém. Mora na Serra porque não encontrou casa em Vitória — os apartamentos de repente se tornaram muito caros para os elementos de sua raça. Compraram um terreno em Bela Vista, vão construir uma casa.

— Gosto muito de Vitória. A gente pretende ficar em Vitória. O povo recebe muito bem o japonês. Gosta muito de japonês.

Ela está no Brasil há dois anos e meio e tem dificuldades de expressão, seu marido fala mais português. Mas não tem difi-



Album de família: o engenheiro Haga, sua filha Maria Alice e Ana, há alguns anos, na Praia do Canto.

cuidades: quando sai, a outra menina fica com a vizinha dos fundos, que a recebe muito bem e na casa de quem permanece, com seu ar natural de cansaço em qualquer mulher às vésperas do parto.

Sandra Mesuko Suzuki, de 21 anos, paulista, missei, é cabeleireira. Está em Vitória fazendo um curso no Senac. É uma pessoa extremamente tímida, com seus longos cabelos pretos, dispostos segundo a estética ocidental. Fala sempre baixo, pausadamente — a dificuldade é mínima para falar o português. Quando isto ocorre, sorri.

Escolheu Vitória para ficar mais perto de seus pais, que residem em Teixeira de Freitas, na Bahia. Se continuasse com seus outros parentes, em São Paulo, se cansaria mais na viagem. De Vitória a Bahia são apenas sete horas. Quando terminar o curso, pretende voltar para exercer profissionalmente a atividade. Reside no bairro de Itanguá, com alguns amigos. Não deu para sentir o preconceito: está aqui apenas há um mês. Antes, morava em Jucutuquara: aconteceu a mesma coisa. Não deu para perceber. Elogia o povo capixaba, quem gostou muito.

— Vitória é uma cidade tranquila.

A dificuldade maior é com relação ao comércio. Porque ela estava acostumada com São Paulo:

— Pra comprar uma coisa você não encontra, é preciso andar a cidade inteira.

O que não representa uma crítica. Como todos os outros entrevistados, ela fez questão de esclarecer este ponto: trata-se apenas de uma observação pessoal. Os japoneses são, realmente, muito educados.

— Vitória tem muitas condições de morar. Em São Paulo, a poluição é triste. Eu fiquei um ano lá, só faltei enlouquecer. É ruim para a saúde. Aqui acostumei logo.

Sandra tem outros parentes que são nisseis — todos casados com brasileiros. E a tendência é aumentar a integração racial.

No resto, é semelhante, em preferências, a qualquer outra cabeleireira brasileira: é católica. Gosta muito de futebol ("adoro"). Mas, como todos japoneses, prefere se omitir em questões que envolvam conflitos, como é o caso, por exemplo, do futebol. Mesmo assim não esconde que gosta do Palmeiras. Gosta de cinema, mas filmes de bang-bang. Vê novelas. E só lê revistas em quadrinhos.

Sorri muito: não, não tem namorado.

"Todo mundo tem seu clube de simpatia. Como bom paulista, eu sou corintiano"
(Takehiro Shima, 51 anos, industrial)

manece um costume da raça; o uso da comida, mais leve; o arroz é feito sem gordura e sal, há alguma coisa de macrobiótica (pratos que eles servem no restaurante). Dona Massa é uma dona de casa como qualquer outra — inclusive vê todas as novelas, embora na das 22 horas esteja quase dormindo.

Riu diz que no princípio as pessoas o estranhavam um pouco, "nunca tinham visto japonês. Hoje, agora, não. Alguns dizem: olha o japonês, as crianças na praia. Mas é natural". Todos são católicos, acreditam que a maioria é corintiana.

Foi sua mãe quem descobriu o Espírito Santo. Clara, por problemas de saúde, procurava uma praia que não fosse poluída. Como foi muito bem recebida, fez muitas amizades e o povo capixaba era simples e humilde, recebendo-a com muita humanidade", ela resolveu ficar. Depois trouxe a família, abriu um restaurante. Jamais sairá do Espírito Santo, simplesmente "adorá" Jacaraípe. Saiuky sorri:

— Descobri que aqui é o paraíso.

A expressão é usada também para outras vantagens — não só para as belezas geográficas, pela possibilidade de pesca, pela "liberdade", mas também porque a proximidade litorânea mostra um povo mais aberto, respondendo com gentileza e compreensão à gentileza e discrição dos que chegam. Eles vivem tranquilos numa casa como qualquer outra de praia, com os mesmos hábitos — um carro, um empregado para lavá-lo, cachorros, pássaros (um deles se chama Jorge), gramado, jardim. Uma família como outra qualquer da classe média brasileira. Saiuky repete:

— Isto aqui é o paraíso

Kaneo Sato, de 61 anos, está há 47 anos no Brasil. É irmão de Massa, hoje proprietário do restaurante Garrote, também à beira da praia. Sua esposa também é japonesa, ainda não se acostumou com a língua, que fala razoavelmente. Kaneo Sato aprendeu o português, segundo diz, por absoluta necessidade. Naquela época, para comprar qualquer coisa num armazém, batia-se com a mão e com os pés. O vendedor, que não entendia, puxava o comprador com a mão para que mostrasse o que queria.

Isto o ajudou muito durante a revolução de 1932 — quando os estrangeiros eram obrigados a ter salvo-conduto para locomoção e, até mesmo, em certos casos, para respirar. Assim, ele ajudou seus patrícios que esperavam nas filas: servindo de intérprete, conseguia todos os salvo-condutos. Outra necessidade era o fato de que era hoteleiro.

Ele conhecia um japonês, radicado em Mimoso, que o convidou para visitar o Espírito Santo. Em Jacaraípe, arrendou o restaurante, que seria para seu filho, mas sua nora — nascida e criada em São Paulo, professora na Cidade Universitária

Os hoteleiros: “um paraíso”

A família de Massa Sata vive tranquilamente em Jacaraípe, como se fosse sempre verão: não pretendem nunca voltar a morar em São Paulo. Ela tem 67 anos, chegou ao Brasil em 1931, tendo instalado um armazém em Bauru. Sua filha, Clara, é proprietária junto com o marido, um espanhol, do restaurante Corsarius, à beira da praia. Clara tem um filho, Riu Minouru Tanaka, de 23 anos, que trabalha no restaurante. Nas proximidades, reside um outro filho de Massa (que significa Rosa), Saiuky, também na mesma ocupação. Todos são entusiastas das terras do Espírito Santo.

Ela diz que a tendência é para cada vez mais crescer o número de emigrantes:

— O que vem leva o recado.

A mãe, Massa, não acha difícil a língua portuguesa — aprendeu conversando. Ela apresenta uma dificuldade nas variações dos verbos, preferindo sempre omitir a letra r do final de alguns deles.

Seu marido sofreu perseguição na época da guerra, confundido com um quinta-coluna. Acontecia que na colônia onde moravam, ele era o que tinha mais dinheiro — havia sido major no Exército nipônico, atividade que abandonou para emigrar. Os outros o procuravam, durante a guerra, para que lhe dessem conselhos. Como aconteceu naquele período, os japoneses, mesmo os radicados aqui eram confundidos com os que faziam a guerra. O Brasil havia declarado guerra ao eixo, Itália-Alemanha-Japão. A situação foi horrível: muitos foram presos apenas porque “eram patrícios”. As pessoas passaram a não pagar a conta do armazém, alguns foram obrigados a fechar.

Isto já passou — ficou talvez o susto, nunca ressentimento. Estão tão integrados ao espírito brasileiro que não levam mais a sério uma antiga posição étnica — não se trata de um preconceito: na época da guerra, perseguidos, era natural que preservassem a raça, não permitindo casamentos com outras.

O pai e a mãe de Massa não permitiriam. Ela mesma chegou a ser “durona”. Mas isso acabou. Tem irmão, sobrinha e filha casados com pessoas de outras raças. Mesmo seus netos estão namorando capixabas. E se sentem capixabas. Per-

sua nora — nascida e criada em São Paulo, professora na Cidade Universitária — não se acostumou, achou tudo muito desolado durante o inverno, preferindo voltar. Ele acabou ficando, “porque a tranquilidade e o clima fazem bem para uma pessoa de idade”.

Em seu restaurante ele serve a típica comida japonesa, feita essencialmente de peixe, temperada com shoiw (tempero de soja) e aginomoto (um pó branco). Serve, na maioria das vezes, aos japoneses que visitam o Tubarão. As vezes, banquete. Na parte de cima, funciona uma buate — onde permite apenas a entrada de casal: Este turismo ele acha que é benéfico para o município, porque o japonês visitante encontra num local como aquele a comida de seu próprio país.

No entanto, queixa-se dos hotéis, ainda sem conforto à altura dos visitantes. São necessários melhoramentos, como energia (sua interrupção é um prejuízo para os restaurantes — os peixes se estragam, etc.) e água (o serviço de abastecimento é ainda muito precário). Há promessas de melhoras (a prefeitura pensa em fazer uma calçada na praia). Alguns japoneses vão abrir outros restaurantes em Jacaraípe, pensam em instalar-se também com outros tipos de comércio:

— Isto é bom, a concorrência é boa, e ainda falta. É bom, porque chama a atenção do turista.

Ele acredita que, quanto mais comércio houver, mais oportunidade de emprego para muitos. Agora, reforma o seu restaurante, mudando inclusive o ambiente, para que o vento não atrapalhe o interior durante o inverno. Ele mesmo decorou a casa, tudo muito simples e rústico, funcional para beira de praia. No princípio — está aqui há quatro anos — estranhou um pouco. Agora diz:

— Virei capixaba. Gosto muito do pessoal me tratar. Desconfio que não vou sair tão cedo.

**Se lhe chamarem de
japonesa na rua, Ana Haga,
de 76 anos,
48 anos de Vitória,
poderá dizer: “Eu sou
mais brasileira que você.
Eu vi sua mãe nascer,
eu vi você nascer,
estou aqui há mais
tempo que você.
Eu sou Ana, brasileira”.**

Continua na página 12

Um país colaborando na edificação mundial

Iniciada em 1908, quando o navio Kasoto-Maru trouxe ao Brasil as primeiras 165 famílias do Japão, a emigração japonesa teve sua fase áurea em 1933 — um total de 24494 japoneses desembarcaram no porto de Santos. Hoje, existem no Brasil cerca de 700 mil pessoas de origem nipônica, entre emigrantes e nisseis. Mais de dois terços vivem em São Paulo.

A partir dos últimos anos, os japoneses estão chegando em número cada vez maior, seja para turismo, seja para fazer negócios. E não só o Brasil se beneficia do fluxo, mas agora também os Estados Unidos e a Europa. Vinte e nove anos após uma tremenda derrota militar, o Japão se transformou num dos maiores exportadores de manufaturados para os Estados Unidos. Na Europa, os centros de turismo se adaptam cada vez mais ao turismo japonês, nova fonte de receita com sua moeda forte.

No princípio, eles vinham à procura de riquezas e acalentando um sonho de um paraíso verde. O sonho se realizou, menos por dávida de uma terra fértil que como fruto de um trabalho perseverante e tenaz, de experiências, de técnicas e de organização: na bacia amazônica, os emigrantes japoneses colhem hoje 11 mil toneladas de pimenta do reino e exportam 80% da produção; no centro sul, a Cooperativa Agrícola de Cotia, sob seu controle, é responsável pela venda de 70% dos produtos hortigranjeiros nos mercados do Rio e São Paulo.

Por volta da década de 60, diminui o fluxo migratório japonês e muda radicalmente o espírito do emigrante: ele é retido pelo bem econômico de seu país e, quando emigra, acompanha uma exportação de capitais. Depois das usinas siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas) e da Ishikawajima os japoneses já investiram em 58 indústrias no Brasil, parte de um total de 104 empresas comerciais, financeiras e industriais com um capital

registrado em 1973, de Cr\$ 942.666.852,50.

Em 1932, 90% dos japoneses radicados no Brasil dedicavam-se à agricultura. Em 1958, eles se distribuíram pelas diversas atividades econômicas do país: 55% no setor primário (agricultura e mineração) 9,3% no setor secundário (indústria) e 35,7% no setor terciário (serviços e comércio). Em linhas gerais, eles acompanharam a distribuição da população brasileira registrada pelo censo de 1960.

Mesmo, porém, quando predominantemente voltados para a agricultura, os japoneses procuravam organizar suas atividades em estruturas empresariais: em 1956, com capital de Cr\$ 70 mil, fundava-se a Jamic, Imigração a Colonização, que adquiriu terras em Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro. Posteriormente, nasceu a Jemis, Assistência Financeira S/A.

Em 1964, a Confederação Rural Brasileira atribuiu à colônia as seguintes parcelas na produção agrícola do Estado de São Paulo: café, 20%; algodão, 35%; bicho-da-seda, 90%; batatinha, 75%; tomate, 90%; verduras, 70%; ovos, 90%; hortelã, 90%; chá, 100%; morango, 90%; banana, 50% e pêssego, 90%, compondo apenas 10% da população agrícola, ela que era responsável por 30% da produção.

Para atingir o seu atual status de terceira potência industrial no mundo, o Japão empreendeu um esforço até hoje pouco compreensível para o observador comum. Entretanto, é justo que se acrescente que, de qualquer forma, os resultados são de certa forma miraculosos. Um dos fatores de maior importância na economia japonesa é, sem dúvida alguma, a sua produção de ferro e aço que alcançou em 1974 cifras superiores aos cem milhões de toneladas. Mas é aí que reside a aura de milagre que cobre a façanha — o Japão é um país extremamente pobre em recursos



minerais, sendo obrigado a importar a quase totalidade dos insumos exigidos na produção siderúrgica, tais como o minério de ferro, os metais não ferrosos, os minérios reductores, o carvão e a sucata de ferro.

Para explicar a fulgurante produção desse setor, que além de tudo consegue distribuir os produtos finais a preços altamente competitivos no mercado internacional, somente um fator nos dará a resposta adequada a constante modernização de equipamentos e fábricas e a tecnologia desenvolvida de acordo com as condições peculiares do país. Na realidade, o Japão pode se orgulhar da capacidade dos seus alto-fornos, do grande número de conversores LD (para transformação de ferro em aço) e da eficiência das suas fábricas de laminação. Além disso, faz parte do seu know-how o desenvolvimento de um processo de aproveitamento da escória de alto-forno que, destinando uma parte dessa escória às misturas reductoras, ainda consegue transformar o restante em componente para rações e adubos, com uma significativa redução operacional no custo da

produção global. Dentro desse contexto, o Japão já conseguiu colocar-se, em escala mundial, imediatamente atrás da União Soviética e dos Estados Unidos na produção de aço.

Mas este é apenas um aspecto da prodigiosa indústria japonesa. A sua produção de maquinaria, por exemplo, é o atestado ideal ao seu grau de crescimento: máquinas fotográficas, rádios-transistorizados, máquinas de costura, de procedência japonesa, adquiriram em todo o mundo uma tal reputação de alta qualidade que, por si só, representam o maior forte de incidência na sua crescente procura. Além disso, o Japão é hoje o maior produtor mundial de navios, tendo sido o responsável pelo lançamento ao mar dos maiores graneleiros e petroleiros de que até hoje se tem notícia. Existem hoje, no país, mais de mil estaleiros navais que construíram, somente no ano de 1959, cerca de 9.303.000 toneladas brutas flutuantes, que representaram, naquele ano, 48,2% de toda a produção naval do mundo.

Ainda podem ser citadas as indústrias japonesas de veículos, a indústria aeronáutica, a de ma-

teriais de precisão, a indústria química e a indústria têxtil. Em todo esses setores o Japão vem se destacando a cada ano, já sendo de domínio público as suas incursões no terreno da energia nuclear para fins pacíficos, o que de certa forma estabelece a resposta japonesa à agressão atômica de que foi vítima em 1945, nas regiões de Nagasaki e Hiroshima. Já se anunciam promissores resultados nas pesquisas para o emprego da energia nuclear no funcionamento das siderurgias.

Constituindo-se no mais importante indicador da espantosa economia japonesa, o seu comércio exterior pode, melhor que tudo dar uma mostra do vigor desenvolvimentista desse povo: somente no ano de 1969 foram exportadas do Japão mercadorias correspondentes a 15 bilhões e 990 milhões de dólares, equivalentes a cerca de 6,6% de toda a exportação mundial; as importações, constituídas em sua quase totalidade de matérias-primas, atingiram a 15 bilhões e 24 milhões de dólares, cerca de 5,9% das importações do mundo neste ano.

A média de exportações

japonesas, verificadas entre os anos da década de 60, aumentaram à média de 16,8% ao ano, num índice correspondente ao dobro da expansão de exportações mundiais, no mesmo período. Suas importações nesta mesma faixa, foram incrementadas à razão de 15,8% ao ano, no restante do mundo, na mesma década.

Oficialmente, o Japão passou a participar da convivência internacional, a partir de 1868, após a restauração do poder imperial, que voltou ao trono na pessoa do imperador Meiji, conhecido na história nipônica como o homem que teria propiciado as primeiras condições para que o país iniciasse o seu desenvolvimento. Governando o Japão até 1912, o imperador Meiji se propôs a alcançar, em apenas algumas décadas, o que o Ocidente levava séculos para conseguir. Era de fato uma tarefa quase mitológica, mas o país deu os primeiros passos para a sua industrialização, ao mesmo tempo em que eram abolidos os antigos sistemas de classes que dividiam a sociedade durante o período feudal.

Impulsionados pela súbita liberalização do governo de Meiji, os japoneses deram vazão a toda energia represada durante os longos séculos de imposições e sacrifícios. Em consequência disto, o mundo assistiu, no final do século passado, e princípio do atual, uma prévia do milagre que se produziria, efetivamente, após a segunda guerra. Tão grande era a sede nipônica de desenvolvimento, que as atitudes do florescente império do "Sol Nascente" chegaram mesmo às raias do excesso, levando o país a confrontos armados com a China, em 1894, e com a Rússia, em 1905.

Na projeção desse quadro, anos mais tarde o Japão voltaria a se envolver na conflagração da II Guerra colocando-se ao lado de Hitler na perseguição do ambicioso sonho de domínio universal.

Contudo, dessa vez o entusiasmo japonês foi longe demais. Enfrentando uma poderosa coligação de países aliados, o império nipônico viu ruir todo o seu esforço desenvolvimentista no trágico incidente de Hiroshima, em agosto de 1945, quando o mundo assistiu aterrado, pela primeira vez em sua história, o impacto de uma explosão nuclear.

Derrotado e submetido militarmente às condições dos aliados ocidentais, o Japão tratou rapidamente de se refazer, buscando, para tanto, um modelo adequado nas suas próprias origens. Foi quando o seu povo pôde reencontrar na resignação e na humildade — a exemplo do comportamento adotado em épocas passadas — a dose indicada para a revitalização necessária a uma retomada do caminho desenvolvimentista, agora, evidentemente, livre dos excessos de efeitos negativos.

Mais uma vez o apelo à conservação das tradições e costumes foi encarado como uma diretriz indispensável ao soerguimento da nação. E, de novo, o espírito de identidade nacional voltou a ser o principal fator de unidade de todos os japoneses. O Japão de hoje tem em sua constituição uma total e definitiva renúncia aos atos de agressão e guerra; a sua defesa baseia-se em modelos especialíssimos, onde a maior responsabilidade cabe aos Estados Unidos, segundo um protocolo a que tem acesso todos os países filiados à Organização das Nações Unidas. Segundo um folheto de propaganda do Ministério das Relações Exteriores, "na sua qualidade de membro ativo da Comunidade Internacional das Nações, o Japão está empenhado em colaborar na edificação de uma paz mundial baseada na Liberdade e na Justiça. Para este fim, o povo japonês não poupa esforços, visando promover uma melhor compreensão mútua entre todos os povos (texto de pesquisa).

OS JAPONÊSES JÁ ESTÃO AQUI

Os Shibata, agricultores: o amor à terra fértil

Pedro e Hanae Shibata são agricultores. Residem no município da Serra, num local chamado Guaranhuns — alguns quilômetros no interior do município, tudo semelhante a qualquer roça brasileira e ideal para quem pratica esta atividade. Eles já estão há 23 anos no Espírito Santo, no mesmo local, cultivando verduras e frutas (pimentões, alface, berinjela, cenoura, pepino, laranja, banana), que são vendidas na Ceasa, em Campo Grande, transportadas através de uma Kombi, de sua propriedade. Há alguns anos, receberam um reconhecimento público de que muito se orgulham: o título de cidadãos serranos".

Como em qualquer roça brasileira, de agricultor bem sucedido, a casa é pequena e modesta, funcional e adaptada às atividades. Dois cachorros, com nomes brasileiros. Outros animais: apenas alguns galos de briga, guardados num cercado para não prejudicarem o plantio. Ao redor da casa, a plantação de arroz, apenas para uso pessoal. Do outro lado, o jardim.

Como qualquer dona-de-casa brasileira idosa, dona Hanae preocupa-se com plantas. Mas é uma pessoa disposta, bem falante e algum domínio da língua portuguesa. Está no Brasil desde 1924 — veio como emigrante, junto com a família. Aqui conheceu Pedro, que veio do Japão com oito anos na mesma época, com quem se casou, passando a viver no interior de São Paulo. Veio para o Espírito Santo quando os filhos ainda eram crianças, comprando o terreno na Serra.

Como qualquer casal idoso de qualquer raça, Pedro — naturalizado brasileiro — e Hanae têm um código de comunicação nascido da convivência. Um código que permite a gentileza: nunca conversam em japonês na presença de brasileiros. Como todas as pessoas de sua raça, dona Hanae tem um alto senso de confiança, uma maneira de enfrentar a adversidade como se ela não existisse. Apesar disso, Pedro, como todos de sua idade, já tem o ar complacente de quem já viveu tudo.

— Já andei em muitos lugares. Fui criada no interior de São Paulo, mas igual a capixaba nunca vi. É um povo muito

Mas é taxativa:

— Precisa trabalhar.

Explica:

— A terra é muito fértil.

Quando se transferiu para o Espírito Santo, seu Pedro sentiu dificuldades: o capixaba, segundo ele, "não comia muita verdura". Conta que algumas pessoas estranhavam algumas verduras que eles plantavam, como beringela, maxixe, cenoura. Agora, não: existe a Ceasa, existe a rodovia ligando Vitória a Salvador, ao Rio de Janeiro, a São Paulo:

— Facilita tudo.

Seu Pedro está satisfeito com o Espírito Santo. O filho mais novo trabalha na Vale — já se sentem brasileiros. Dona Hanae volta com seu entusiasmo; uma das regras de seu código de comunicação com Pedro é o uso da expressão "né, Pedro?", constantemente, como se o solicitasse ou pedisse aprovação para o que está dizendo com tanto sentimento:

— Temos três noras, todas três são serranas. E os netinhos? Ah, este negócio de mestiço é lindo! Uma coisa muito linda os mestiços. Né, Pedro?

Este mantém em casa uma tradição — a comida é japonesa, num dia. No outro, brasileira:

— Meio a meio. Um dia é feijoada, outro dia é japonês.

Seu Pedro se dedica também ao cultivo da banana, mas esta recentemente, "caiu muito", por causa de uma doença, "precisa renovar tudo".

Dona Hanae conta que agora tudo é facilitado por causa do carro que compraram. Antigamente, não havia meios de se procurar um médico, por causa da distância. Eles mantêm um relacionamento muito cordial com os vizinhos — oferecem antes o carro para transportar uma parteira, uma mulher grávida. A abertura de um Centro Social na Serra diminuiu as dificuldades de todos, no que se refere a problemas médicos.

Eles gostariam de voltar ao Japão?

Os dois sorriam ao mesmo tempo:

— Gostaria, diz Pedro. Mas a passagem é muito cara.

Hanae acrescenta:

— Passear a gente tá querendo. Mas o depósito é muito caro, a passagem.

No quintal, seu Pedro explica que a uva que planta não é igual a de São Paulo, por causa do clima capixaba, é apenas uma variação. Cresce, mas sem a mesma qualidade. A plantação de arroz é modesta, mas viceja igual em simetria, facilitada pelo cuidado na plantação. Dona Hanae explica o uso pessoal, rindo:

— Japonês come muito arroz.

Quando a gente chegou ao Brasil tinha feijão de mandioca.

Seu pai era engenheiro ("fazia planta de navio"), em Kobe, segundo porto (né, Pedro?) do Japão, na Kawasaki. Apareceu então um japonês — que receberia alguma comissão — com um filme de propaganda sobre o Brasil, que no início do século estava aberto aos emigrantes. O filme, segundo relato da mãe de Hanae, mostrava uma mulher de avental, com aquelas salas cheias de babados que se usava na época, com luvas e pegando muitos ovos de um galinheiro. Em outro trecho, uma mulher, usando chapéu Panamá, colhia café — inúmeros cafezais.

O pai decidiu então se transferir para o Brasil — comprou a passagem de todos. Só aqui descobriu que havia sido enganado: o japonês do filme levou-os para uma colônia. No primeiro dia, separou-se as famílias, alojadas em cinco casas, todas com fome. Receberam para comer feijão feito à base de alho e muito óleo, que estranharam. Sua mãe, enjoada com a viagem, pouco comeu. Não havia eletricidade — na primeira noite, ao entrar na casa que lhes foi destinada, a mãe se apavorou com dois olhos enormes no escuro: era um boi. Assustada, começou a gritar. Outros japoneses gritaram, o boi se foi:

— Padeceu, padeceu, diz dona Hanae como se estivesse concordando com uma pergunta. Caiu no conto do vigário. Mas na outra remessa, ninguém pagou: já era emigrante.

Os que haviam chegado foram obrigados a vender suas jóias. Seu pai, um engenheiro que sempre trabalhara em sala fechada, de repente viu-se obrigado a pegar na enxada. Estranhou os caos, a frieira que geralmente aparece em quem usa botas no serviço do campo. Mais tarde, segundo ela seu pai costumava dizer aos emigrantes de maior sorte que era do "tempo dos bobos". Mas sua mãe dava graças ao Brasil — porque, se estivesse no Japão, naturalmente ele teria que ir servir à guerra, já que era engenheiro.

— Viva vocês, diz ela num tom de voz experiente. E conciliatória, aliviada

— O Brasil é um país de paz, Pedro? É por isso que eu digo que há males que vêm para bem. Eles sofreram sofreram bastante.

Dona Hanae e seu Pedro estão completamente integrados à terra — e inteiramente agradecidos a ela e a sei habitantes. Seu Pedro acha, no entanto, que a instalação da siderúrgica poderá, em certo aspecto, ser prejudicial à lavra. Hoje existem mais recursos, é certo: ele tem um pequeno trator. "O trabalho é meio mecanizado", usa-se pulverizador e motor para acabar com as doenças das plantações, mas a mão-de-obra escassa. Dona Hanae explica o fato, porém envol-

— Dona Maria, a senhora tem alguma religião? Católica, todos em sua família são católicos. Ela se lamenta apenas de uma coisa: mora longe do centro da Serra, onde só tem missa aos domingos. Durante a semana, sua família trabalha o tempo todo. E, no domingo, ela sempre prefere fazer "uma comida melhor, e demora mais um pouco e eu nunca vou à missa".

Certo dia encontrou uma madre na Serra e lhe perguntou se era pecado este fato. Com a resposta da freira ela se tranquilizou: "Deus", disse a freira, "não exige sacrifícios, minha filha". Dona Hanae aponta o coração:

— Guardo Deus aqui. Não esqueço de Deus um só instante. Sou muito católica.

Ela foi chamada de dona Maria porque, afinal, ela é uma avó brasileira. E as avós brasileiras geralmente são chamadas pelos visitantes que não as conheciam anteriormente de dona Maria. Como se este fosse um apelido característico das avós. Ela completa, ainda agradecida pela terra de ar puro, e tão fértil:

— É uma religião muito boa. Não exige nada.

"Hoje todos querem ir trabalhar nas indústrias. Na roça vão ficar só os velhos. Você abre a janela de manhã e só vê os aposentados do Funrural, que fazem Biscates. Não se vê um rapaz novo na enxada (Hanae Shibata, agricultora).

Algumas receitas japonesas

WASABI (peixe cru)
Usa-se panço ou atum, cortados em filés bem fininhos. Coloca-se mostarda ou condimentos semelhantes, inclusive gengibre ralado, além de shoiw (óleo de soja, encontrado em supermercados Morita ou na loja japonesa no Centro Comercial Quatro Irmãos). O prato é forrado com alface e repolho, bem cortado.

MISSO SHIRU (Sopa de soja)



Yasuni Takahashi, vendedor de souvenirs para turistas asiáticos.

Pequeno roteiro

Apesar disso, Pedro, como todos de sua idade, já tem o ar complacente de quem já viveu tudo.

— Já andei em muitos lugares. Fui criada no interior de São Paulo, mas igual a capixaba nunca viu. É um povo muito acolhedor. Meus filhos vieram para aqui com um ano de idade. Eles se consideram serranos. O povo é especial, muito amável", diz Hanae, sempre muito gentil.

Seu Pedro, sentado, é mais tranquilo — com suas roupas de agricultor, o chapéu nas mãos porque está recebendo visitas. Dona Hanae continua com sua voz límpida, entusiasmada, numa gentileza típica da raça, mas também com simplicidade e curiosidade típicas da idade, ela continua:

— Costumo dizer que quem bebe e conhece o povo serrano namora.

Ela sorri muito ao dizer isto. No entanto, sua casa é como qualquer outra de brasileiro ou serrano. O toque de sua raça está presente apenas na confecção e no estilo do jardim.

— Outro dia mesmo chegaram cinco patrícios para comprar lotes aqui na Serra. Pretendem vir. Se a Kawasaki vier mesmo isto aqui vai explodir de japoneses.

Dona Hanae é a maior incentivadora de seus "patrícios" para que se transfiram para Vitória.

Seu Pedro diz que seu trabalho dá prá sobreviver — daquele mesmo jeito característico da qualquer pessoa de qualquer raça de sua idade ao demonstrar conformidade com a realidade da vida. Apesar disso, seu trabalho ajudou a formar um filho em Engenharia. Hoje, trabalha no Rio. Tem mais três filhos homens. Dois moram e trabalham com eles na roça.

— Dá pra viver, explica dona Hanae. Não falta nada. Quando quer uma coisa tem, quando quer carne tem.

mesma qualidade. A plantação de arroz é modesta, mas viceja igual em simetria, facilitada pelo cuidado na plantação. Dona Hanae explica o uso pessoal, rindo:

— Japonês come muito arroz. Quando a gente chegou ao Brasil tinha farinha de mandioca.

Eles não se acostumam com farinha de mandioca. Dona Hanae brinca, ao mesmo tempo em que repete o código "né, Pedro?":

— Diz que é por causa disso que japonês é amarelo.

Seu Pedro não entra no mesmo espírito. Diz, simples:

Brasileiro também come muito arroz.

O jardim tem não só a temperatura ideal, como também a sombra — atravessando-o, um pequeno córrego. Todo cercado de árvore, algumas japonesas. Como o Kiri, madeira que serve para fazer móveis. Com uma grande vantagem: nunca dá bichos, como diz dona Hanae, incluindo "né, Pedro?" Entre suas plantas, está o shuro, que em japonês quer dizer corda e lá é aproveitado pelo povo com esta mesma função. Trata-se de um pequeno coqueiro. Como as avós brasileiras, ela gosta muito de samambaias choronas, das quais conhece os segredos: para melhor desenvolvimento, coloca-se água de um dia para outro num prato, que permanece debaixo do xaxim, mesmo sistema adotado com as avenas, também choronas. Nunca muito vento, sempre muita sombra. Orquídeas, camélias, raízes penduradas. A beleza do jardim é uma atividade a que ela se dedica com muita ênfase.

Nesse ambiente de tranquilidade, de algum vento, ar puro, observada pelo silêncio de Pedro, é que ela conta a odisséia de sua família, na transferência para o Brasil.

certo aspecto, ser prejudicial à lavra. Hoje existem mais recursos, é certo ele tem um pequeno trator, "o trabalho é meio mecanizado", usa-se pulverizador e motor para acabar com as doenças nas plantações, mas a mão-de-obra escassa. Dona Hanae explica o fato, porém enviando-o de compreensão.

— Hoje todos querem ir trabalhar nas indústrias. Na roça vai ficar só os velhos. Você abre a janela de manhã e só vê os aposentados do Funrural, que fazem biscoites. Não se vê um rapaz novo de enxada.

Dona Hanae fala com muitos gestos esperando sempre do interlocutor nem que seja uma aprovação muda porque tem muito amor à terra:

— Que saudades daquele tempo, Pedro? Tinha bonde. Eu andava tamanco pela avenida capixaba e hoje igual a São Paulo. Minha comadre diz que Vitória nem parecia capital, de tão quieta e acolhedora. Hoje tá igual a Rio de Janeiro, São Paulo.

O amor à terra é uma espécie de agradecimento — para quem sobre dela. É gentil e educada com todos. O trabalhador da Cesan, que está colocando encanação na propriedade, explica:

— Estou trabalhando aqui só há alguns dias e ele me trata como se eu conhecesse há dez anos.

O entusiasmo e dedicação são uma tentativa de dona Hanae para explicar que, embora de uma raça específica ela brasileira como qualquer outra pessoa. Com muita disposição para trabalhar e acreditar sempre no melhor e no futuro. Ela não tem queixas — nunca sofreu discriminação. Talvez porque convive com pessoas mais diretamente ligadas à terra que não têm tempo ou ociosidade para isto.

A tentativa de integração vai ao ponto de convicções religiosas:

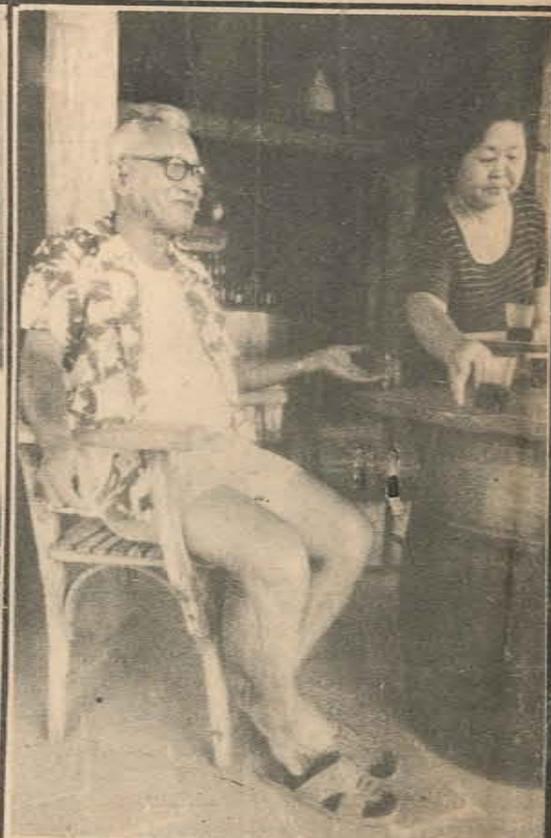
filés bem fininhos. Coloca-se mostarda ou condimentos semelhantes, inclusive gengibre ralado, além de shoiw (óleo de soja, encontrado em supermercados Morita ou na loja japonesa no Centro Comercial Quatro Irmãos). O prato é farrado com alface e repolho, bem cortado.

MISSO-:HIRU (Sopa de soja)
Trata-se de uma sopa de proteína pura. Usa-se inhame, de preferência, mas a sopa pode ser feita com chuchu ou qualquer qualquer outro vegetal. Este é cortado bem pequeno e colocado numa pequena panela com água até a metade. Joga-se dois tabletes de caldo de galinha Knorr. Dissolve-se na água duas colheres de misso e joga-se na panela. Usa-se também salsa verde bem miudinha. Pega-se duas gemas e mistura-se tudo muito bem, jogando em seguida na sopa. Os brasileiros que já provaram garantem ser um excelente prato.

Existem também, à venda nos locais citados, sopa de algas, biscoito de algas, doce de feijão, doce de feijão com arroz.

Os adolescentes nisseis (filhos de japoneses, nascidos no Brasil), são iguais aos outros em costumes e diversões. Inclusive também gostam de rock.

Kaneo Sato, de 61 anos, proprietário de restaurante, diz: "Virei capixaba. Gosto muito do modo como o pessoal me trata. Desconfio que não vou sair daqui tão cedo".



Hanae Nagatani Feitosa e Josep o filho; Kaneo Sato, proprietário do restaurante Garrote, em Jacare e Sandra Metsuko Suzukabe cabeleireira

Pequeno roteiro

Em japonês, o h é aspirado, tem som de r, como no Inglês. E como na língua portuguesa, o japonês divide a sílaba, em ordem semelhante.

Ohalo (pronuncia-se orraio) — bom dia

Kanitia (kanitiua) — equivalente a boa tarde

Kombawa (kombauá) — boi noite

Sayonara (sayonará) — adeus

Shoiw (soiô) — significa soja, mas é também um condimento derivado do produto.

Aginomoto — trata-se de um pó branco usado como tempero.

Nissel — filho de japonês, nascido no Brasil.

Sansei — filho de nissei

dodeska (dô-dês-ká) — como vai?

Ikaga deska (ikaga dês ká) — idem

Arigato (a-ri-gá-tô) — obrigado

Nanika ka neta kotoga arimas ka (nanika kaúatta koto-gá arimás ka) — Que há de novo?

Dena mata (deuá mata) — até já, chiao

Odaiji-ni — passe bem

Oyasumi nasal (oyasumi naçai) — durma bem

Omedeto (omedetô) — parabéns

Dozo, doka (dôzo, dôka) — por favor

Ohairi kudasal (oirairi kudaçai) — entre

Oouruxi kudasal (oiuruxi dudaçai) — desculpe-me

Anata wa taino tainel na kata desu — o senhor é muito gentil.

Okino doku ni omoimasu — sinto muito

Domo arigato gozai maxita — Muito obrigado

Kanza itaxi masu — agradeço-lhe

Dekimasu — É possível

Mondato — o que é que você disse?

Damare — cale a boca

Hitotu (Iti) — Um (Uma).

Futatu (Ni) — Dois (Duas).

Mituu (San) — Três

Nijuu — vinte

Dai-iti — primeiro

Dai-ni — segundo

Ten — Céu

Ti — terra

Ku-u-ki — ar

tai-yo — sol

Tuki — lua

Tuki-no-hikari — luar

hoxi — estrela

Sekai — mundo

Tikyn — globo

araxi — tempestade

Tumetal, samul — frio

Atul, netu — água

Hi — fogo.

Umi — mar

Taiyo — oceano

Kawa — rio

Umibe — praia

Haru — primavera

Natu — verão

Aki — outono

Fuyu — inverno

Hinidi — dia

Xun nanukakan — semana

Tuki — mês

Toshi, nen — ano

Selki (100 ene) — século

Ji, Toki, Jikan — hora

Fun — minuto

Ve — segundo

Itijikan — uma hora

Itinidi — um dia

Itiya — uma noite

Itusakujiu — ante-ontem

Xanikusai — carnaval

Cristokootausai — natal

Urabon — dia de finados

Tanjoobi — aniversário

Kyuuka — férias

Sato — açúcar

Kome — arroz

Gomu — borracha

café — café

banana — banana

Mugul — trigo

Tomorokoxi — feijão

Name — milho

Wata — algodão

Nooka — agricultor.

Ketuaku-no — colono

Hiyatol-rodoxa — camarada

rodoxa — trabalhador

salen — horta

Mati — rua

Xufu myako — capital

hiroba — praça

Dalgaku — universidade, faculdade

Boyoan — hospital

Xurutu-guinko — banco do estado

Xido-in — convento

Xonzan, garan — catedral

Mati-no-an-naixo — guia da cidade

Ximin — cidadão

Yadoya, ryokan — hotel

Kyuujitu — feriado

Itiguatu — janeiro

Niguatu — fevereiro

Sanguatu — março

Xiguatu — abril

Goguatu — maio

Rokuguatu — junho

Xituguatu — julho

Hatiguatu — agosto

Kuguatu — setembro

Junguatu — outubro

Juitiguatu — novembro

Juniguatu — dezembro

Kazoku — família

Haha — mamãe

Titi — pai

Musuko — filho

Kodomo — criança

Xinzoo — coração

Yukai — alegre

Kanaximu, nagueku — triste

Kangae — pensamento

Risoo — idéia

Kankaku — sensibilidade

Jikuu — liberdade.